

personagem

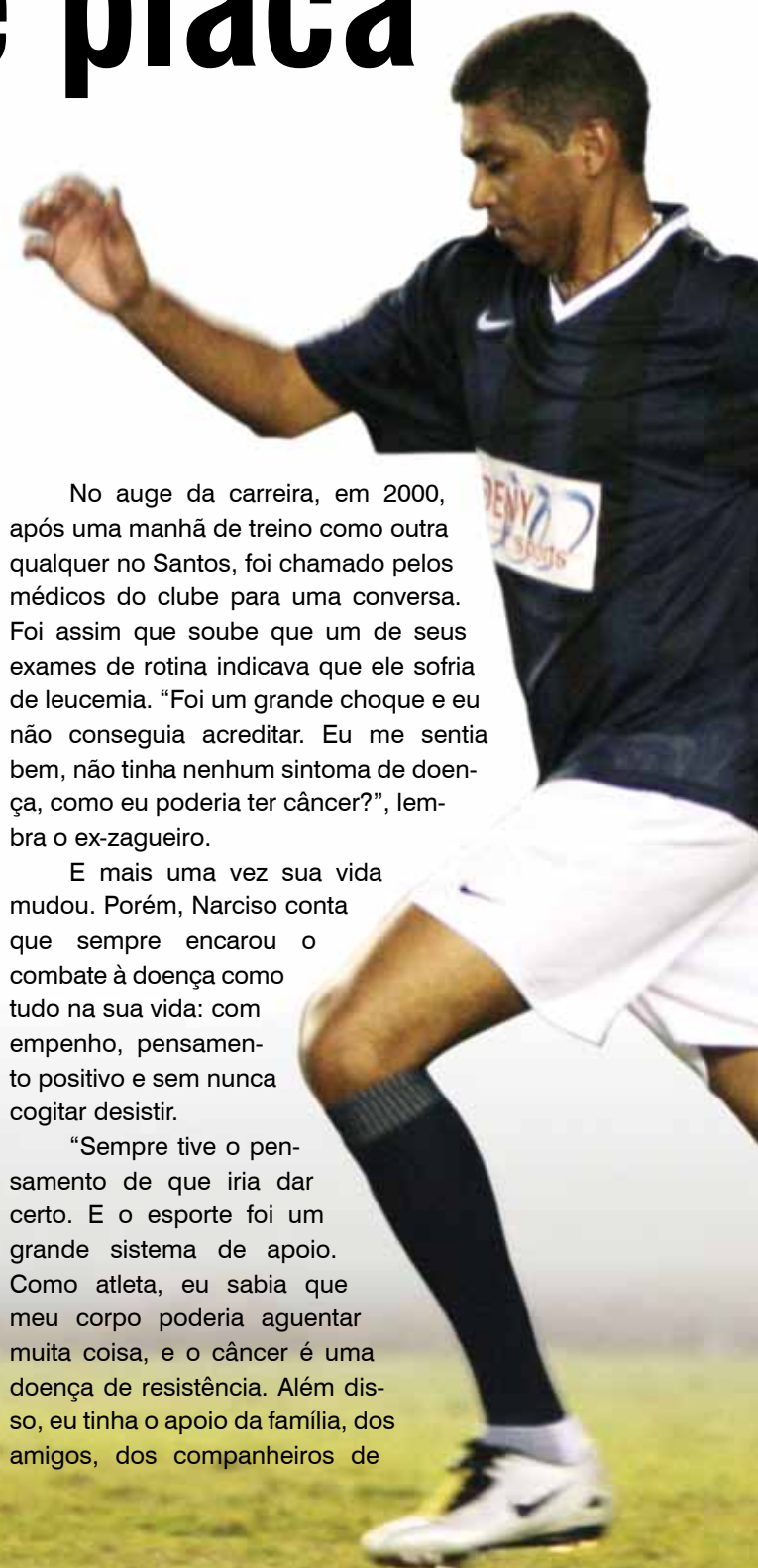
O EX-ZAGUEIRO NARCISO DRIBLA PROGNÓSTICOS NEGATIVOS E CONTA COMO SOBREVIVEU A UMA LEUCEMIA

Um gol de placa

Guerreiro. Assim ficou conhecido Narciso dos Santos, 38 anos, ex-jogador de futebol e o primeiro caso de que se teve notícia de um atleta que conseguiu voltar a atuar profissionalmente depois de se curar de um câncer. O atual técnico de futebol, no momento sem trabalho, foi diagnosticado aos 25 anos com leucemia mieloide crônica, um desequilíbrio dos glóbulos sanguíneos responsáveis pela defesa do corpo contra agentes externos causado pela proliferação descontrolada das células da medula óssea. Ele se submeteu a um transplante de medula óssea e voltou aos campos defendendo o Santos três anos após receber o diagnóstico.

Narciso nasceu na pequena cidade de Neópolis, interior de Sergipe. Membro de uma família humilde de seis irmãos, perdeu o pai quando estava no primeiro ano do segundo grau (atual ensino médio). Teve que abrir mão dos estudos e se empenhar para ajudar na renda da casa. Trabalhou em fábricas e fazia bicos. Mas o futebol sempre foi um lazer de final de semana, quando brilhava nos clubes amadores da cidade. Aos 15 anos, foi descoberto durante o campeonato intermunicipal por um empresário que o indicou para o Corinthians alagoano. Narciso deixou o emprego de tecelão, fez as malas e partiu sozinho para iniciar sua carreira no esporte.

Com muita determinação, o sucesso veio rápido. Três anos depois, ele já estava no Paraguaçu paulista e, depois, no Santos, time pelo qual foi vice-campeão brasileiro de 1995 (ano em que foi convocado pela primeira vez para a seleção brasileira pelo técnico Mário Jorge Lobo Zagallo); em seguida, ganhou o campeonato Rio-São Paulo, de 1997, e a Conmebol de 1998. Também disputou pela seleção brasileira as Olimpíadas (1996), a Copa América (1995) e a Copa Ouro (1995).



No auge da carreira, em 2000, após uma manhã de treino como outra qualquer no Santos, foi chamado pelos médicos do clube para uma conversa. Foi assim que soube que um de seus exames de rotina indicava que ele sofria de leucemia. “Foi um grande choque e eu não conseguia acreditar. Eu me sentia bem, não tinha nenhum sintoma de doença, como eu poderia ter câncer?”, lembra o ex-zagueiro.

E mais uma vez sua vida mudou. Porém, Narciso conta que sempre encarou o combate à doença como tudo na sua vida: com empenho, pensamento positivo e sem nunca cogitar desistir.

“Sempre tive o pensamento de que iria dar certo. E o esporte foi um grande sistema de apoio. Como atleta, eu sabia que meu corpo poderia aguentar muita coisa, e o câncer é uma doença de resistência. Além disso, eu tinha o apoio da família, dos amigos, dos companheiros de

time e da torcida, o que era fantástico. Quando eu precisei de sangue, os clubes Atlético Paranaense, Coritiba e Paraná fizeram uma campanha e mais de 25 mil pessoas foram doar. A corrente positiva era tão grande que, quando pisei no gramado para disputar um campeonato pela primeira vez depois do meu transplante, recebi aplausos até da torcida adversária, a do Coritiba, o que me emocionou muito porque foi a cidade onde fiz meu transplante e onde passei um ano e meio em tratamento, com minha mulher e filhos, mas longe dos parentes”, relata Narciso.

Seu transplante foi realizado no dia 5 de maio de 2000, data que tem na ponta da língua, no Hospital das Clínicas de Curitiba. E, mais uma vez, Narciso driblou as probabilidades e superou as expectativas. Para que se realize um transplante de medula óssea é necessário que haja total compatibilidade entre doador e receptor. Caso contrário, a medula será rejeitada. Pelas leis da genética, as chances de se

encontrar um doador ideal entre irmãos (mesmo pai e mesma mãe) são de 25%. Mas o atleta descobriu que não apenas uma, mas duas de suas irmãs eram compatíveis.

“Foi um dos momentos mais marcantes do meu tratamento. Foi mais um sinal de que tudo daria certo, um alívio muito grande”, emociona-se. A doadora acabou sendo sua irmã Nilza, que na época tinha 29 anos. Hoje aos 42, ela leva uma vida normal como dona de casa.

Outro momento de muita alegria foi quando a mulher, Miraneide Rodrigues dos Santos, soube que estava esperando o segundo filho do casal, Ruan Matheus. Narciso conta que chegou a congelar esperma em um banco de sêmen, já que o tratamento poderia resultar em infertilidade. Mas não foi necessário utilizar esse recurso. A resposta da cura definitiva só veio mesmo em 2003, mas o Ruan chegou antes, “como uma grande bênção em um momento muito difícil”.

Outro grande apoiador do jogador foi seu filho Richard, que tinha apenas três anos quando Narciso recebeu o diagnóstico da doença. “Nós conversamos com ele sobre o papai estar doente, mas é claro que ele não tinha noção de quão séria era a situação. Só o que ele me pedia era para que eu voltasse a jogar logo, para que ele pudesse entrar em campo comigo”, relembra Narciso.

Para voltar aos gramados, ele foi dando um passo de cada vez. Chegou a perder 19



quilos durante o tratamento. “Nos primeiros meses, eu não pude fazer nenhuma atividade física. Após esse período, a evolução foi sendo gradual, inicialmente com trabalho na academia, para ir recuperando a força muscular. Na sequência, intercalava esteira e bicicleta ergométrica até poder começar a correr ao redor do campo. Foi um processo longo, que exigiu muita paciência e força de vontade. Felizmente, tive total apoio da minha família e dos companheiros do Santos”, relata.

Faz 13 anos que o jogador foi diagnosticado e 10 que está curado. Ele continua fazendo exames regularmente e não teve nenhuma recaída desde 2003, quando voltou aos gramados. Narciso chegou a jogar novamente por cerca de dois anos; evitava o sol, mantinha uma alimentação balanceada e usava máscara de proteção. Mas os treinos puxados e a saúde ainda debilitada pelo tratamento exigiam demais de seu corpo. Chegou a ter uma pneumonia. “Talvez eu tenha voltado um pouco cedo demais”, reconhece, apesar das muitas vitórias após seu retorno, como o Campeonato Brasileiro de 2004 pelo Santos.

Acabou por trocar a carreira de jogador em 2005 pela de técnico. Atuou em diversos times, mais recentemente treinando as categorias de base do Palmeiras. “Sempre tive todo o apoio dos demais jogadores e treinadores. Mas tinha gente que dizia que eu estava acabado para o esporte. O importante é que todos saibam que, mesmo passando por uma dificuldade enorme, você ainda consegue fazer o que realmente quer se focar a mente no seu objetivo”, incentiva Narciso. ■